

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 021 13/06/2005 - Fone: 340 3066

Cotação de Preços (13/06/05)	Recortes
<p>Grãos (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão - R\$ 80,00 a 95,00 Fonte: COARP</p> <p>Milho – R\$ 15,15</p> <p>Soja – R\$ xxxxx Fonte: COOPA-DF</p> <p>Hortaliças (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface – R\$ 4,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba – R\$ 15,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga – R\$ 0,60 / maço</p> <p>Couve Flor – R\$ 15,00 / Dz</p> <p>Mandioca – R\$ 6,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango – xxxxx / caixa (04 cumbucas)</p> <p>Pimentão – R\$ 7,00 (C) a 9,00 (E) / cx 12 kg</p> <p>Repolho – R\$ 5,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate – R\$ 18,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Fruticultura (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba – R\$ 30,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá – R\$ 1,20/ kg</p> <p>Limão – R\$ 11,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Pecuária</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba – R\$ 48,00 NR e R\$ 50,00 R Fonte: FRIGOALFA</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelore) – R\$ 300,00 a 350,00 Fonte: Zoonews\ Ezio – Padre Bernardo</p> <p>Leite</p> <p>litro – R\$ 0,65 Fonte: Araguaia</p> <p>Suíno - Vivo</p> <p>Kg – R\$ 2,12 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Aves – Frango Vivo</p> <p>Kg – R\$ 1,40 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Carneiro</p> <p>Kg - R\$ 3,00 (Borrego) – carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte – carcaça R\$5,80</p>	<p>Mercado interno do suíno prevê recuperação com queda de temperaturas</p> <p>As vendas de suíno vivo neste momento são classificadas como dentro da normalidade, com preços estabilizados nas principais praças produtoras do país, refletindo o atual retrato de equilíbrio entre oferta e demanda.</p> <p>A boa notícia é que o clima já está mais frio, com a demanda de carne suína devendo mais uma vez se mostrar melhor durante este período. Mas, a situação poderia estar mais favorável ainda se o mercado varejista estivesse operando com mais sintonia com a realidade de preços mais baixos pagos neste momento no suíno vivo.</p> <p>Tomando como base o mercado de Santa Catarina, a performance de preço recebido pela venda de suíno vivo no mês de maio registrou forte baixa de 13,04%, com patamar médio de R\$ 2,08/kg. Em relação à média atingida em abril, de R\$ 2,44/kg, a perda chega a 14,75%. fonte: Rural Business</p> <p>Exportações de carne bovina crescem 45%</p> <p>As exportações brasileiras de carne e miudezas de bovinos aumentaram 44,82% em maio, para 137.849 toneladas, na comparação com o mesmo período do ano passado, quando 92.590 toneladas foram embarcadas pelo país. De janeiro a maio, as exportações aumentaram 30,7% para 553.535 toneladas, de 423.627 toneladas vendidas no mesmo período do ano passado. As informações são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, e foram divulgadas ontem pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec). Do total exportado, 109.320 toneladas foram de carne bovina in natura, aumento de 50,26% ante as 72.756 toneladas embarcadas em maio de 2004. Os embarques de carne industrializada totaliza ram 22.165 toneladas, aumento de 42,03% ante as 15.606 toneladas no mesmo período do ano passado. Por último, os embarques de miudezas foram de 6.364 toneladas, 50,52% mais que as 4.228 toneladas de maio de 2004. Fonte : Estado de São Paulo</p> <p>Agroindústria cobra diferenciação - Produtores familiares acreditam que novos critérios facilitam financiamentos e reduzem taxaço</p> <p>As dificuldades enfrentadas pelas agroindústrias quanto à legislação sanitária e fiscal encontraram um fórum de debates durante a Feira Estadual da Agroindústria Colonial (Fecolônia), encerrada ontem no Parque de Exposições Wanderley Burmann, em Ijuí. A criação da figura jurídica agroindústria familiar, com a definição de critérios capazes de segmentar o tamanho e a natureza de cada empreendimento, está entre as reivindicações defendidas em painel realizado no sábado, com a participação de lideranças políticas. Com a definição de critérios, os produtores acreditam que seja possível simplificar as taxas e encargos cobrados pelo governo , além do acesso facilitado a financiamentos específicos para o tamanho de cada agroindústria. Fonte : Correio do Povo</p>

OIE suaviza regras sobre vaca louca e ajuda EUA

A Organização Mundial para a Saúde Animal (OIE) aprovou na semana passada mudanças significativas nas normas de segurança e comércio internacionais em relação à doença da vaca louca, ou Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB). Segundo o subsecretário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), J.B. Penn, as medidas contam com apoio do governo americano, país que detectou a doença em seu rebanho e estava sofrendo sérias restrições ao comércio mundial de sua carne.

Um dos principais componentes da proposta aprovada pelos 167 países membros da organização defende a suspensão de restrições comerciais sobre a carne bovina sem osso, até de países que foram seriamente afetados por surtos da doença, contanto que a redução de risco esteja garantida. A proposta recebeu uma minuta em janeiro pela comissão da organização e foi aprovada em uma reunião em Paris.

Penn disse que a proposta foi aprovada "tranqüilamente, como esperávamos", mas notou que o Japão e a Coreia do Sul, países que ainda mantêm o veto à carne bovina dos Estados Unidos, votaram contra a medida.

Penn disse que a OIE também aprovou, como parte da proposta sobre a EEB, três novas categorias para identificar o status do país em relação à doença. Atualmente a organização classifica os países em cinco categorias quanto à doença da vaca louca, do nível livre de risco ao de alto risco.

Na reunião da semana passada, no entanto, ficou determinado a simplificação das categorias em três níveis. O porta-voz do Usda, Lloyd Day, explicou que as novas categorias são: risco ínfimo, risco controlado e risco indeterminado.

Paul Clayton, vice-presidente da Federação de Exportação de Carne dos Estados Unidos, disse que as reformas da OIE melhorarão as condições internacionais de comércio, especialmente para os países como os EUA, que estão em ordem com as medidas contra a EEB.

Michael David, diretor do Centro Nacional de Importação & Exportação do Usda, disse em recente entrevista que "só porque se é membro da OIE não significa que é preciso concordar, mas caso um país não concorde, os EUA poderão levar o caso à Organização Mundial do Comércio (OMC)", porque a OIE "é um órgão de estabelecimento de parâmetros para a OMC", afirmou.

Fonte: Gazeta Mercantil

Vendas de máquinas agrícolas caem 21,1% no quadrimestre

Redução é resultado da menor receita com exportações e da quebra na safra de grãos. A queda na receita com a exportação de commodities como soja, algodão e trigo em virtude da defasagem cambial restringiu os investimentos do setor e reduziu as vendas de máquinas agrícolas, que caíram 21,1% no primeiro quadrimestre deste ano, segundo informou o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Newton de Mello.

As vendas da área somaram US\$ 2,58 bilhões nos primeiros quatro meses do ano, ante US\$ 3,3 bilhões de igual intervalo de 2004, informou Mello. Para o executivo, a defasagem do câmbio foi mais prejudicial do que a quebra na safra de grãos, e as fabricantes de máquinas já demitiram 3 mil funcionários. A entidade, disse, apóia o protesto do setor agrícola marcado para hoje.

O presidente da Abimaq avalia que uma nova alta na taxa de juros torna a situação ainda mais difícil. "Primeiro são as máquinas agrícolas, depois essa situação vai atingir outros setores."

Além das máquinas agrícolas, as vendas de bombas (principalmente para água e óleo utilizadas em instalações industriais) e de máquinas-ferramenta também caíram cerca de 1%. Mas, no caso das válvulas utilizadas na petroquímica, informou Mello, a queda chegou a 19% devido à "retenção de compras por parte da Petrobras".

Mas o bom desempenho de outros setores garantiu resultados positivos. Mello informou que as vendas de máquinas cresceram cerca de 30% no quadrimestre e alcançaram US\$ 16,6 bilhões. Segundo o executivo, um dos destaques foi a venda de equipamentos pesados que somou cerca de US\$ 4 bilhões, 171% acima de 2004. Mello atribuiu esse número a uma coincidência de faturamento de encomendas passadas. Mas outros segmentos se destacaram no período. Segundo a Abimaq, a venda de máquinas para plástico cresceu 40%, para madeira 26% e para a área gráfica 20%. Tirando o efeito das máquinas pesadas o crescimento foi de 9,3%.

Fonte: Gazeta Mercantil